

VINHO É CALOR: INTEGRAÇÃO CONCEPTUAL E METÁFORAS EM NÍVEIS NA CONCEPTUALIZAÇÃO DE MEME

WINE IS HEAT: CONCEPTUAL INTEGRATION AND LEVELS OF METAPHORS IN MEME CONCEPTUALIZATION

Sandra Bernardo (UERJ)¹

RESUMO

Analisa-se um meme sobre consumo de vinho, à luz das teorias da integração conceptual (FAUCONNIER; TURNER, 2002) e da metáfora conceptual estendida (KÖVECSES, 2020), com objetivo de evidenciar a adequação dessas ferramentas teóricas ao estudo de produções multimodais. Além desse arcabouço, outros conceitos da Semântica Cognitiva serão tomados: esquemas imagéticos, domínios, *frames* e espaços mentais, entre outras noções ligadas à construção de sentido. O meme selecionado para análise foi postado em um grupo de conversa do *WhatsApp* e em uma página de academia de ginástica do *Facebook*. Assim, no que tange ao seu objetivo geral, este trabalho pode ser considerado descritivo-exploratório, porque envolve a busca de relações entre os conceitos em que a análise do meme foi baseada, de modo a evidenciar como a relação entre integração conceptual e metáforas em níveis podem descrever as inferências recrutadas na conceptualização proposta.

PALAVRAS-CHAVE: Integração Conceptual, Teoria da Metáfora Conceptual Estendida, Meme, Comunicação Digital.

ABSTRACT

A meme about wine consumption is analyzed in the light of the Conceptual Integration (FAUCONNIER; TURNER, 2002) and the Extended Conceptual Metaphor theories (KÖVECSES, 2020), aiming to highlight the suitability of these theoretical tools for the study of multimodal productions. In addition to this framework, other concepts of Cognitive Semantics will be taken: image schemas, domains, frames and mental spaces, among other notions linked to the construction of meaning. The meme selected for analysis was posted on a WhatsApp chat group and on a Facebook page of a Gym. It is believed that this analysis can show how the relationship between conceptual integration and metaphors in levels can describe the inferences recruited in the conceptualization of the meme. Regarding its general objective, this work can be considered descriptive-exploratory, since it involves the search for relationships between the concepts on which the meme analysis was based, in order to show how the relationship between conceptual integration and metaphors in levels can describe the inferences recruited in the proposed conceptualization.

KEYWORDS: Conceptual Integration, Extended Conceptual Metaphor Theory, Meme, Digital Communication

INTRODUÇÃO

Por meio da análise de um meme sobre consumo de vinho, apresento reflexões sobre a relação entre metáfora e integração conceptuais. Parto das teorias da metáfora estendida de Kövecses (2020) e da integração conceptual de Fauconnier e Turner (2002), com objetivo de defender a subjacência do processo de integração à compreensão desse gênero multimodal, que

¹ Professora Titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutora em Linguística pela UFRJ (2002). E mail: sanpbernardo@gmail.com.

recruta conhecimentos armazenados na memória de longo prazo, estruturados na forma de esquemas imagéticos, domínios e *frames*, durante o processo de construção de sentidos na memória de trabalho no nível dos espaços mentais. Entre o material conceptual recrutado, encontram-se metáforas conceptuais, que, segundo Kövecses (2020), podem ser identificadas em diferentes níveis de esquematicidade: espaço mental, *frame*, domínio-matriz e esquema imagético.

O meme selecionado para análise, extraído da página do *Facebook* de uma academia de ginástica, apresenta a imagem de três saca-rolhas com as alças em posições diferentes, simulando a cabeça e o tronco humanos. Acima das imagens, a frase “Exercícios para o frio”; abaixo, a frase “Quanto mais repetições, melhor”. Na tentativa de chegar ao autor, encontrei variantes do meme em *sites* brasileiros ligados ao comércio e ao consumo de vinho, em forma de *gif* ou estático, assim como no *site i-Stock*, com informação verbal em inglês acima e abaixo da imagem, respectivamente, “Exercise...” “... and repeat”.

Em termos metodológicos, esta análise pode ser considerada básica, visto que objetiva gerar reflexões acerca dos processos conceptuais envolvidos na construção de sentido do meme, sem aplicação prática imediata prevista. Quanto à forma de abordagem, configura-se como um estudo qualitativo, cujo objetivo geral se alinha ao método descritivo-exploratório, porque envolve a busca de relações entre os conceitos tomados como base para a conceptualização do meme, de modo a ilustrar como alio as teorias da metáfora conceptual estendida e da integração conceptual.

Nas próximas seções, apresento a fundamentação teórica e a análise proposta, seguidas das considerações finais. Por trabalhar com a mesma base teórica de outros textos, a seção de síntese teórica não é completamente inédita em minhas publicações.

1 Integração conceptual, metáfora e outros conceitos basilares

Retomando a compilação de Bernardo, Velozo e Morais (2021, p. 331), a teoria da integração (ou mesclagem) conceptual de Fauconnier e Turner (2002) foi desenvolvida a partir da teoria dos espaços mentais. Consiste em uma operação mental básica altamente imaginativa, surgida de uma rede de espaços mentais, cuja configuração básica envolve a projeção seletiva de elementos de quatro espaços: espaços de entrada (*input* 1 e 2) interconectados; espaço genérico, que contém elementos comuns aos dois espaços de *input* em qualquer momento da ativação da rede de integração conceptual; espaço-mescla, aquele em que elementos dos espaços de entrada são parcialmente projetados.

Esse processo de integração ocorre devido a três operações cognitivas básicas inter-relacionadas: identidade, integração e imaginação. Perceber identidade, equivalências e oposições, entre todas as coisas (concretas ou abstratas), a fim de estabelecer-lhes relações e/ou delimitá-las, é resultado de um trabalho complexo e elaborado da mente. Identidade e integração não podem explicar o significado e seu desenvolvimento sem a imaginação, pois, mesmo com ausência de estímulo externo, o cérebro pode produzir simulações: ficção, sonho, cenários hipotéticos, fantasias.

O espaço-mescla resultante dessa projeção seletiva apresenta uma estrutura emergente com uma configuração distinta das estruturas proporcionadas pelos *inputs* inter-relacionadas de três maneiras: (i) composição – tomadas em conjunto, as projeções dos *inputs* engendram novas relações utilizáveis que não existiam separadamente nos *inputs*; (ii) completamento – conhecimentos anteriores, *frames* e esquemas culturais permitem projetar a estrutura compósita no interior da mescla por transferências parciais de estruturas dos *inputs* e serem vistos como parte de uma ampla estrutura autocontida na mescla; (iii) elaboração – completada na mescla, a estrutura pode então ser elaborada através de um processo cognitivo desempenhado em seu interior, de acordo com sua lógica própria e emergente. Essa estrutura emergente pode produzir novas relações conceptuais, configurando-se como *input* para novas mesclas.

Assim, a capacidade de abrir, conectar e mesclar espaços mentais fornece um *insight* global, uma compreensão em escala humana e um novo sentido, tornando os seres humanos mais

eficientes e criativos. Um dos mais importantes aspectos dessa eficiência, em termos de *insight* e criatividade, é a compressão alcançada por meio da integração de relações conceptuais, denominadas relações vitais.

Tanto Fauconnier e Turner (2002) quanto Hutchins (2005) trabalham com o conceito de âncora material, porém este último confere um caráter mais experiencial a tal conceito, responsável pela estabilidade das representações conceptuais formadas por modelos culturais, que não são apenas ideias contidas nas mentes, mas encarnadas em artefatos materiais.

Na comunicação mediada por dispositivos eletrônicos, estratégias visuais e linguísticas simulam conversas reais, transformando as máquinas (e seus programas) que propiciam tais interações em âncoras materiais. Essa capacidade, segundo Hutchins (2005), deve-se a um fenômeno geral e antigo da cognição humana: a associação entre estrutura conceptual e estrutura material (BERNARDO; VELOZO; MORAIS, 2021, p. 330).

A teoria da metáfora conceptual estendida de Kövecses (2020) consiste em um dos inúmeros desenvolvimentos do trabalho fundador de Lakoff e Johnson (2002[1980]), em que a metáfora é conceituada como um mecanismo cognitivo, cuja “essência [...] é compreender e experienciar uma coisa em termos da outra” (LAKOFF; JOHNSON 2002[1980], p. 47-48). Assim, no âmbito da Semântica Cognitiva, nosso sistema conceptual ordinário é fundamentalmente metafórico. Logo, a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não apenas na linguagem, mas no pensamento e na ação, estruturando a maneira de perceber, pensar e agir. Em frases como “Seus argumentos são *indefensáveis*” e “Ele *atacou* todos os pontos fracos da minha argumentação”, o conceito de DISCUSSÃO², o domínio-alvo, é compreendido em termos do conceito de LUTA, o domínio-fonte, evidenciado pelo emprego de *indefensáveis* e *atacou*, pertencentes ao domínio de confronto físico/bélico.

A partir de reflexões sobre as estruturas conceptuais envolvidas nas conceptualizações metafóricas, Kövecses (2020) propõe que “é melhor pensar em metáforas conceptuais como envolvendo estruturas ou unidades conceptuais simultaneamente em níveis distintos de esquematicidade” (p. 51, tradução minha³). Kövecses distingue quatro níveis: esquemas imagéticos, domínios, *frames* e espaços mentais.

Os três primeiros nos dão os padrões básicos dos sistemas conceptuais, pois são derivados de nossas experiências no mundo. Estão na memória de longo prazo e fornecem os elementos essenciais do conteúdo. Os ESQUEMAS IMAGÉTICOS, DOMÍNIOS e *FRAMES* juntos formam o conteúdo conceptual dos sistemas conceptuais e, principalmente, são estruturas conceptuais descontextualizadas (KÖVECSES, 2020, p. 145, tradução minha, versaletes do autor⁴).

“No entanto, quando os falantes se envolvem em discurso real em contextos comunicativos específicos, mobilizam, exploram e manipulam essa grande quantidade de conhecimento tácito” [...] realizam essa tarefa complexa com ajuda dos ESPAÇOS MENTAIS” (KÖVECSES, 2020, p. 145,

² Adoto a convenção da Semântica Cognitiva de formatar em versalete os conceitos no âmbito cognitivo-conceptual.

³ No original: “My suggestion will be that it is best to think of conceptual metaphors as simultaneously involving conceptual structures, or units, on several distinct levels of schematicity”.

⁴ No original: “The first three give us the basic patterns of conceptual systems, as they are derived from our experiences in the world. They are in long-term memory and they provide the essential content elements of meaning. The IMAGE SCHEMAS, DOMAINS, and FRAMES together form the conceptual content of conceptual systems, and, importantly, they are decontextualized conceptual structures”.

tradução minha⁵). Escolhidas as estruturas conceptuais para seu modelo de metáfora em níveis, Kövecses seleciona a conceituação dessas estruturas em seu modelo.

Esquemas imagéticos são estruturas conceptuais essenciais que impregnam experiência com significado (JOHNSON, 1987; LAKOFF, 1987). Com base na literatura sobre esquemas imagéticos, Hampe (2005, p. 1-2, tradução/adaptação minha⁶) considera essenciais as seguintes características dessas estruturas conceptuais: (i) diretamente significativos (“experenciais”/“corpóreos”), são estruturas pré-conceptuais, que surgem de (ou são fundamentadas em) movimentos corporais humanos recorrentes através do espaço, interações perceptivas e formas de manipular objetos; (ii) consistem em *gestalts* altamente esquemáticas que capturam os contornos estruturais da experiência sensório-motora, integrando informações de múltiplas modalidades; (iii) existem como padrões contínuos e analógicos subjacentes à percepção consciente, antes e independentemente de outros conceitos; (iv) como *gestalts*, são estruturados internamente, isto é, compostos por muito poucas partes relacionadas e altamente flexíveis.

A noção de domínio é definida por Langacker (1987, p. 488, tradução minha⁷) como “[u]ma área coerente de conceituação em relação à qual unidades semânticas podem ser caracterizadas”. Diferentemente dos esquemas imagéticos, os domínios não são padrões analógicos de experiência, mas de natureza proposicional, de uma maneira altamente esquemática. Segundo Kövecses (2020, p. 53), os vários esquemas imagéticos aplicam-se a diferentes aspectos ou dimensões de um domínio no sentido de um domínio-matriz (LANGACKER 1987), conceito tomado por Kövecses (2020) para diferenciar *frames* e domínios, embora utilize predominantemente o termo “domínio” em suas análises.

Como observado por Langacker, a definição de domínio não distingue domínios e *frames*. A única maneira de distinguir os dois é em termos de esquematicidade, que, segundo Langacker (1987, p. 492, tradução minha⁸), consiste em uma “precisão relativa da especificação ao longo de um ou mais parâmetros”. Nessa concepção, um domínio, como um domínio-matriz, pressupõe uma variedade de conceitos que caracterizam diferentes aspectos do domínio, composto de muito mais partes que os esquemas imagéticos, por isso mais rico em informações, conseqüentemente mais específicos que os esquemas imagéticos.

Frames consistem em um “sistema de conceitos relacionados, de tal forma que, para entender qualquer um deles, é necessário compreender toda a estrutura em que se enquadram” (FILLMORE, 2006[1982], p. 373, tradução minha⁹). Segundo Kövecses (2020, p. 53-54), os *frames* elaboram aspectos particulares de um domínio-matriz, sendo assim menos esquemáticos, visto que envolvem informações conceptualmente mais específicas que os domínios. Ao elaborar um domínio, os *frames* especificam-lhe papéis e relações entre os papéis, que, por sua vez, serão preenchidos com valores específicos no nível dos espaços mentais.

Assim, quando os papéis são preenchidos por valores particulares no discurso real em situações comunicativas específicas, estamos lidando com os espaços mentais. Nos termos de Fauconnier e Turner (2007, p. 351, tradução minha¹⁰), espaços mentais consistem em

⁵ No original: “However, when speakers engage in real discourse in specific communicative settings, they mobilize, exploit, and manipulate this large amount of tacit knowledge [...] perform this complex cognitive task with the help of MENTAL SPACES”.

⁶ Embora reúna trechos traduzidos, o conteúdo original também foi resumido.

⁷ No original: “A coherent area of conceptualization relative to which semantic units may be characterized”.

⁸ No original: “Relative precision of specification along one or more parameters”.

⁹ No original: “By the term ‘frame’ I have in mind any system of concepts related in such a way that to understand any one of them you have to understand the whole structure in which it fits”.

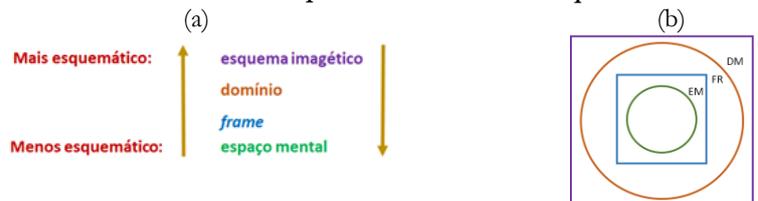
¹⁰ No original: “Mental spaces are very partial assemblies constructed as we think and talk for purposes of local understanding and action. They contain elements and are structured by frames and cognitive models. Mental spaces are connected to long-term schematic knowledge, such as the frame for walking along a path, and to long-term specific knowledge, such as a memory of the time you climbed Mount Rainier in 2001. The mental space that includes you, Mount Rainier, the year 2001, and your climbing the mountain can be activated in many different ways and for many different purposes”.

estruturas muito parciais construídas quando pensamos e conversamos, para fins de compreensão e ação local. Eles contêm elementos e são estruturados por *frames* e modelos cognitivos. Os espaços mentais estão conectados ao conhecimento esquemático de longo prazo, tais como o *frame* de caminhada ao longo de um caminho, e ao conhecimento específico de longo prazo, como a memória de uma escalada ao Monte Rainier realizada em 2001 por uma pessoa. O espaço mental, que inclui a pessoa, o Monte Rainier, o ano de 2001 e sua escalada na montanha, pode ser ativado de várias maneiras com muitos propósitos diferentes¹¹.

Os espaços mentais são estruturados por *frames*, mas as estruturas genéricas dos *frames* são elaboradas por informações específicas do contexto. Por isso, os espaços mentais são ainda mais específicos que os *frames*, na medida em que não operam com papéis e relações genéricos na maioria dos casos, mas com instâncias específicas de papéis e relações. Ao mesmo tempo, os espaços mentais também são organizações coerentes de experiência, como *frames* e domínios, porém funcionam em um nível muito específico e conceptualmente rico.

Kövecses (2020, p. 52), entre outros estudiosos, também caracteriza essas estruturas conceptuais em termos de contiguidade. Nas figuras (1a e 1b), reproduzo a relação entre essas estruturas conceptuais em termos de uma hierarquia de esquematicidade (1a) e de contiguidade (1b), para estabelecer uma relação entre esquema imagético (EI), *frame* (FR), domínio-matriz (DM) e espaço mental (EM).

Figuras 1a e 1b – Estruturas conceptuais em termos de esquematicidade e contiguidade

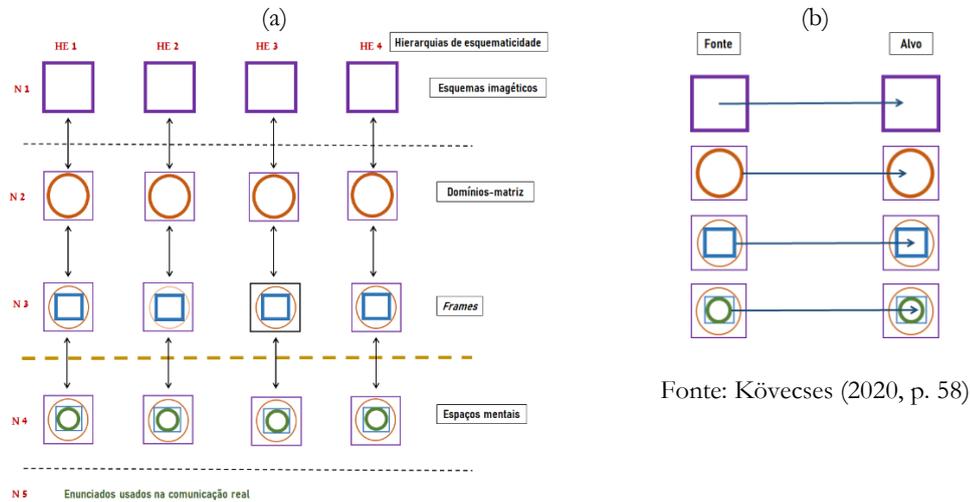


Fonte: Kövecses, 2020, p. 52 (tradução minha).

A partir dessas hierarquias de esquematicidade e contiguidade, Kövecses (2020, p. 55) propõe a representação ilustrada nas figuras (2a) e (2b) para relação entre essas estruturas conceptuais no seu modelo de metáfora conceptual estendida.

¹¹ Essa noção se alinha ao que Langacker (2008) chama de “espaço discursivo corrente”: “um espaço mental que compreende tudo que se presume ser compartilhado pelo falante e pelo ouvinte como base para o discurso em um determinado momento” (Langacker 2008, p. 59, tradução minha para o seguinte trecho: “[...] a mental space comprising everythingpresumed to be shared by the speaker and hearer as the basis for discourse at a given moment”).

Figuras 2a e 2b – Níveis de hierarquia do modelo da metáfora conceptual estendida



Fonte: Kövecses (2020, p. 58)

Fonte: Kövecses (2020, p. 55, tradução minha)

Em (2a), os cinco níveis ordenados hierarquicamente representam a forma como “esquemas imagéticos, domínios, *frames* e espaços mentais são usados por conceptualizadores/oradores com o objetivo de promover organização e coerência à nossa experiência” (KÖVECSSES, 2020, p. 54-55, tradução minha¹²).

A hierarquia parte dos esquemas imagéticos, mais esquemáticos (N1), até os espaços mentais, menos esquemáticos (N4). O nível cinco (N5) representa o nível da comunicação, em que símbolos (linguísticos e outros) são usados, a fim de manifestar o conteúdo de informações. A forma como esses níveis desempenham um papel na conceptualização metafórica é ilustrada em (2b).

[Em (2a), a] linha pontilhada que separa ESQUEMAS IMAGÉTICOS e DOMÍNIOS/*FRAMES* destina-se a indicar que os esquemas imagéticos são estruturas analógicas, enquanto domínios e *frames* não o são. A linha pontilhada em negrito entre DOMÍNIOS/*FRAMES* e ESPAÇOS MENTAIS indica que domínios e *frames* estão na memória de longo prazo, enquanto os espaços mentais são usados no processamento *online* na memória de trabalho [...] A linha pontilhada entre N4 e N5 separa o conceptual do linguístico (KÖVECSSES, 2020, p. 55-56, tradução minha¹³).

Com intuito de tratar essa hierarquia conceptual de forma mais integrada à configuração da integração conceptual, venho trabalhando com uma representação cônica, para evidenciar a relação de contiguidade das estruturas conceptuais, na medida em que as partes do cone, à semelhança de copos retráteis (figura 3),

se comprimem e se expandem, desde os espaços mentais, processados dinamicamente, *on-line*, na memória de trabalho, aos esquemas imagéticos,

¹² No original: “In brief, image schemas, domains, frames, and mental spaces are all used by conceptualizers/speakers for the purposes of lending organization and coherence to our experience”.

¹³ No original: “The dotted line that separates image schemas and domains/frames is intended to indicate that image schemas are analogue structures, whereas domains and frames are not. The bold dotted line between domains/frames and mental spaces indicates that domains and frames are in long-term memory, whereas mental spaces are used in online processing in working memory [...]. The dotted line between L4 and L5 separates the conceptual from the linguistic”.

estruturas pré-conceptuais analógicas, que, em conjunto com *frames* e domínios-matriz, encontram-se armazenados na memória de longo prazo, disponíveis para ativação em diferentes níveis, nos bastidores da conceptualização, via integração conceptual (BERNARDO; VELOZO; ALMEIDA, 2020, p. 248-249).

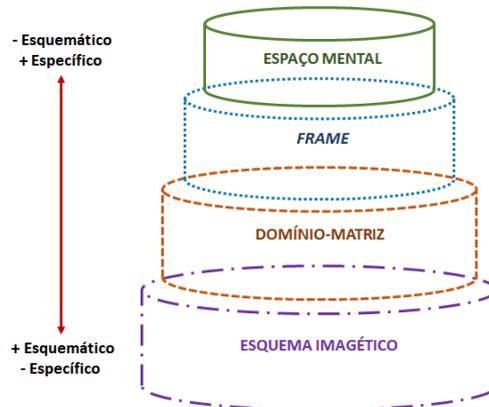
Figura 3 – copos retráteis



Fonte: https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-2791501554-copo-retratil-330-ml-_JM#position=28&search_layout=grid&type=item&tracking_id=f01f5097-8a6b-4a2d-b205-d7074ddae652

A representação cônica postulada é ilustrada na figura (4), com base na qual se estabelece a esquematicidade e a contiguidade da relação entre as estruturas conceptuais. A ordem com que espaço mental, *frame*, domínio-matriz e esquema imagético é distribuída parte da estrutura mais próxima dos gatilhos linguísticos e visuais utilizados no uso real da língua(gem) na comunicação cotidiana para a estrutura mais subjacente: dos espaços mentais para os esquemas imagéticos.

Figura 4 – Relação entre estruturas conceptuais



Fonte: Elaborado pela autora

Assim, postula-se que os espaços mentais abertos em uma rede integração estariam fundamentados por um contínuo de estruturas conceptuais hierarquizadas esquematicamente e contíguas. O fato de as representações de (1a) e (2a) apresentarem setas bidirecionais propicia essa inversão. O nível dos espaços mentais encontra-se na parte superior do cone, porque são abertos por gatilhos linguísticos, visuais, sonoros ou outro sistema de símbolos usados na comunicação/construção de sentidos, os quais, na metáfora de Fauconnier e Turner (2002), são a ponta do iceberg, em relação aos processos conceptuais subjacentes à conceptualização. Por isso, os espaços mentais são representados com uma linha sólida, já que são ativados por gatilhos contextuais e processados na memória de trabalho.

Os níveis dos *frames*, domínios-matriz e esquemas imagéticos, que estruturam material conceptual subjacente aos espaços mentais, armazenados na memória de longo prazo, estão representados por linhas pontilhadas e tracejadas. Como o nível dos esquemas imagéticos

relacionam-se a estruturas conceptuais analógicas, foram representados com linhas compostas de traços e pontos.

A análise desenvolvida também tomou como fundamento processos metonímicos, visto que a ativação de metáforas conceptuais apresenta um “estágio metonímico” (termo usado por KÖVECSES, 2020). A relação intrínseca entre metáfora e metonímia foi objeto de várias pesquisas no âmbito da Semântica Cognitiva. Entre os estudos que se concentram na natureza cognitiva e linguística da metonímia é consensual a conceituação de Kövecses (2010, p. 173, tradução minha¹⁴), para quem a “metonímia é um processo cognitivo no qual um elemento ou entidade conceitual (coisa, evento, propriedade), o veículo, fornece acesso mental a outra entidade conceitual (coisa, evento, propriedade), o alvo, dentro do mesmo domínio ou modelo cognitivo idealizado (MCI)”¹⁵.

Conceitualmente, MCIs abarcariam tanto cenários dinâmicos quanto *frames* (e domínios) estáticos, visto que consistem em um conjunto coerente e estável de representações do conhecimento que pode ser organizado de várias maneiras (LAKOFF, 1987), sendo, assim, flexíveis e esquemáticos, porque não necessariamente reais, mas idealizados. Os MCIs estruturam o conhecimento cultural das pessoas, mas não se restringem ao “mundo real”. Na análise proposta, o MCI CAUSAÇÃO, que integra o MCI EVENTO¹⁶ (KÖVECSES, 2010), produz relações metonímicas CAUSA PELO EFEITO e EFEITO PELA CAUSA, cujos veículos podem ser generalizados, tornando-se domínios-fonte de metáforas.

Os processos metonímicos gerais TODO-PARTE/PARTE-TODO e PARTE-PARTE relacionam-se às ativações parciais de elementos nos espaços mentais, cujas contrapartes são projetadas seletivamente no espaço-mescla. Nesse sentido, as relações conceptuais (vitais) PARTE-TODO que configuram os espaços das redes de integração são compressões metonímicas ativadas na memória de trabalho para a conceptualização de sentidos.

Acredito que, embora essas partes de domínios recrutadas (metonímias) para conceptualizar algo (metáforas) integrem, ou passem a integrar, o conhecimento enciclopédico, o mecanismo de ativação ocorre em espaços mentais abertos dinamicamente, *online*, ao longo dos sentidos produzidos na comunicação humana. Assim, assume-se que a integração ou mescla conceptual é um mecanismo basilar e operacional da cognição humana. Metáforas, metonímias e metafonímias¹⁷ (GOOSSENS, 2003) ativadas são processadas por meio de mesclas entre espaços mentais.

Um último conceito a ser apresentado nesta seção é o de meme. Segundo Torres (2016, p. 60), “[n]o contexto da internet, meme é uma mensagem quase sempre de tom jocoso ou irônico que pode ou não ser acompanhada por uma imagem ou vídeo e que é intensamente compartilhada por usuários nas mídias sociais”.

Em termos conceptuais, memes podem evocar metáforas multimodais, porque alvo e fonte são renderizados em modos ou modalidades diferentes (FORCEVILLE, 2006), como é o caso do meme analisado, composto por informações linguísticas e pictóricas. Forceville (2006, p. 382, tradução minha¹⁸) define modo ou modalidade como “um sistema de signos interpretável por causa de um processo de percepção específico”, a saber: “(1) sinais pictóricos; (2) sinais escritos; (3) sinais falados; (4) gestos; (5) sons; (6) música; (7) cheiros; (8) sabores; (9) toque” (FORCEVILLE, 2006, p. 383, tradução minha¹⁹).

¹⁴ No original: “Metonymy is a cognitive process in which a conceptual element or entity (thing, event, property), the vehicle, provides mental access to another conceptual entity (thing, event, property), the target, within the same frame, domain, or idealized cognitive model (ICM)”.

¹⁵ Em outras obras, Kövecses inclui *frame*, junto a domínio ou MCI na conceituação de metonímia.

¹⁶ Segundo Kövecses (2010, p.181), “[e]nquanto a relação entre o todo e suas partes normalmente se aplica a coisas (MCI COISA), a relação entre as partes tipicamente se aplica a entidades conceituais em um evento (MCI EVENTO)”.

¹⁷ Casos de metáforas e metonímias mescladas em uma única expressão linguística.

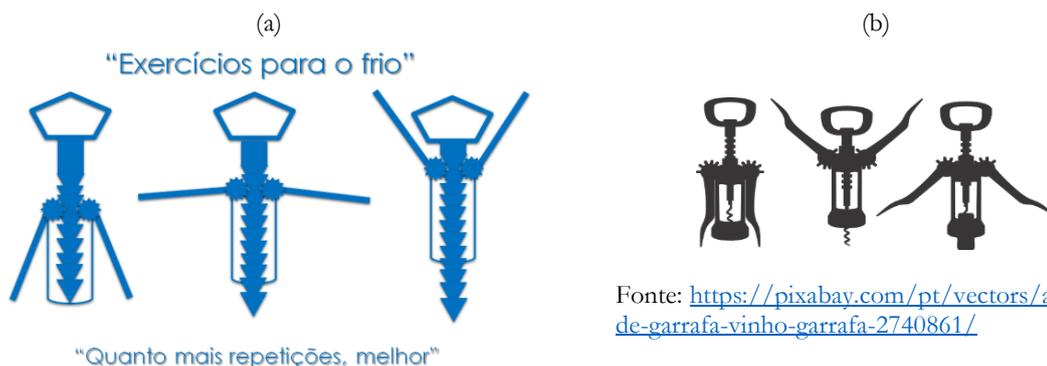
¹⁸ No original: “[...] a mode is a sign system interpretable because of a specific perception process”.

¹⁹ No original: “(1) pictorial signs; (2) written signs; (3) spoken signs; (4) gestures; (5) sounds; (6) music; (7) smells; (8) tastes; (9) touch”.

2 Vinho é calor

Início a seção de análise com a ilustração do meme selecionado para análise nas figuras (5a) e (5b). Devido ao desconhecimento da autoria do meme, optei por apresentar a configuração pictórica deste em (5a) e a imagem gratuita de três saca-rolhas em (5b).

Figuras 5a e b – Representação do meme e imagem de saca-rolhas



Fonte: <https://www.facebook.com/vidaativaacademia.foz/>

O meme (5a) chegou ao meu conhecimento por meio de um grupo de bate-papo do *WhatsApp* em um dia invernal, como uma espécie de sugestão para celebrar o dia frio com um vinho. Logo, a postagem pode ter sido motivada pelo contexto situacional, que, segundo Kövecses (2020 e outras obras), envolve, em especial, o ambiente físico, a situação social e a situação cultural: o clima frio e o consumo cultural de bebidas que causam aumento de temperatura corporal, compartilhado em evento social ou não. A comunicação via âncoras materiais, como aplicativos e páginas de Internet, configura um contexto discursivo a ser partilhado socioculturalmente via postagem de memes.

O contexto cognitivo-conceptual, ligado à ideologia, ao conhecimento sobre eventos passados e aos interesses e às preocupações, também propicia postagens de memes metafóricos como o da figura (5a), já que a apreciação de vinho se relaciona à ideologia do prazer proporcionado por bebidas. Esse prazer é oriundo de outro tipo de contexto motivador, o corporal, na medida em que “[o] corpo não é apenas responsável pela produção de centenas de metáforas conceituais através das muitas correlações entre a experiência subjetiva e a sensorio-motora [...], mas também pode privilegiar o uso de metáforas particulares em contextos locais mais imediatos” (KÖVECSES, 2020, p. 100, tradução minha²⁰). No caso desse meme, o prazer gastronômico de consumir vinho é conceptualizado metafóricamente como um exercício físico a ser aumentado durante o inverno, propiciado pela ANALOGIA e SIMILARIDADE entre o formato dos saca-rolhas e o corpo humano.

Os aspectos ideológicos, socioculturais, ambientais e locais também explicam contextualmente a postagem desse meme na página de uma academia situada em Foz do Iguaçu (galeria de fotos, último acesso em 10/07/2022), cidade localizada no sul do Brasil, uma região de tradição vinicultora. Algo que, inicialmente, poderia evocar com humor a substituição dos exercícios físicos por consumo de vinho, devido ao clima frio, quando se sente certa preguiça de sair de casa, também poderia estar ligado à tradição de se exercitar e tomar vinho como hábitos culturalmente saudáveis na região Sul.

²⁰ No original: “The body is not only responsible for the production of hundreds of conceptual metaphors through the many correlations between subjective and sensory-motor experience [...] but it can also prime the use of particular metaphors in more immediate, local contexts”.

Tais contextos – situacional, discursivo, cognitivo-conceitual e corporal – também explicam as variações desse meme com saca-rolhas postadas em *sites* ligados a comércio de vinho e grupo de apreciadores dessa bebida. O prazer físico gastronômico (contexto corporal), socioculturalmente presente nas regiões ligadas à vinicultura (contexto situacional), alcança um valor ideológico entre as pessoas (contexto cognitivo-conceitual), que disseminam os memes em suas interações em redes sociais (contexto discursivo) como sugestão de atividade prazerosa, por isso “Quanto mais repetições, melhor”. Essa frase, em especial, leva à interpretação de que, no frio, tomar vinho aquece o corpo de forma mais divertida do que realizar exercícios físicos.

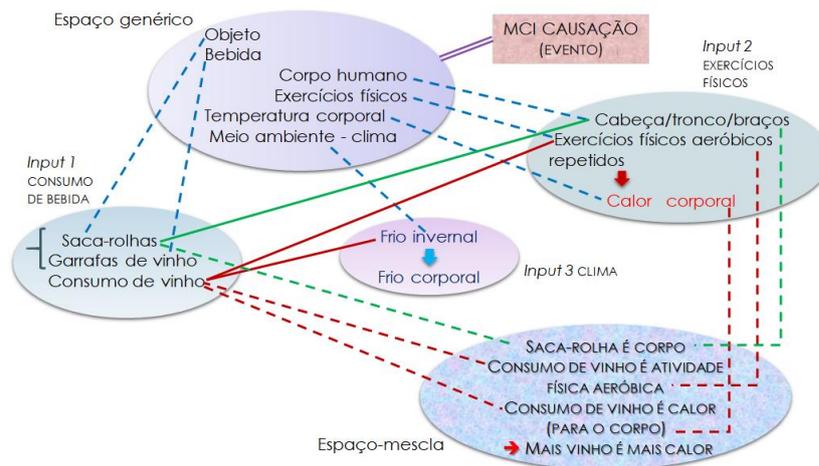
Em termos de sua composição, com base em Forceville (2006, 2008), o meme (5a) consiste em uma produção multimodal metafórica contextual (FORCEVILLE, 2008), porque a imagem dos saca-rolhas e a frase que os antecede evocam metaforicamente o corpo humano se exercitando e o consumo de vinho como atividade recomendada para o clima frio, devido à “semelhança perceptual” (FORCEVILLE, 2006, p. 391) entre os saca-rolhas e as partes do corpo humano. Assim, CONSUMO DE VINHO (alvo, sugerido pela imagem dos saca-rolhas) É EXERCÍCIO PARA O FRIO (fonte, informação verbal), portanto dois modos de sinalização na conceptualização (*construal*) desse meme.

Apenas o elemento pictórico seria uma metáfora integrada, quando um “fenômeno, experimentado como objeto unificado ou *gestalt* é representado em sua totalidade de maneira tal que se assemelha a outro objeto ou *gestalt*, mesmo sem pistas contextuais” (FORCEVILLE, 2008, p. 468, retomando definição de VAN ROMPAY, 2005²¹, tradução minha). Nesse caso, o alvo é inferido pela forma da fonte na metáfora SACA-ROLHA É CORPO.

Os conhecimentos ativados pelos elementos verbo-pictóricos do meme integram conceptualmente mais conteúdo do que a projeção metafórica entre dois domínios, conforme preconiza a teoria da metáfora conceptual de Lakoff e Johnson (2002[1980]), visto que, além “consumo de vinho” e “exercícios físicos”, também é ativado o conhecimento sobre “clima frio”, bem como outras relações e estruturas conceptuais: fenômenos cognitivos de superfície, porém resultantes da capacidade humana básica de integrar diferentes conceitos experienciais.

Na figura (6), exponho a rede de integração proposta para conceptualização do meme.

Figura 6 – Rede de integração conceptual VINHO É CALOR



Fonte: Elaborado pela autora

Os espaços de *input* 1, 2 e 3 ativados a partir do meme são fundamentados por *frames* que, por sua vez, elaboram/especificam domínios-matriz. Todos esses níveis são fundamentados por

²¹ Texto citado por Forceville (2008): “Van Rompay, T. (2005). Expressions: Embodiment in the experience of design. Unpublished PhD dissertation, Technische Universiteit Delft, The Netherlands.”

esquemas imagéticos. No *input* 1, o *frame* CONSUMO DE BEBIDA é elaborado como “consumo de vinho” pela imagem dos “saca-rolhas”, elemento relacionado metonimicamente por meio da compressão PARTE-TODO a “garrafas de vinho”. Vinho é um tipo de bebida comumente ligado ao uso de saca-rolhas. Além disso, é uma bebida cujo consumo está ligado ao “frio”, elemento ativado pelo *input* 3, com base no *frame* CLIMA, daí a relação conceptual CAUSA-EFEITO entre “frio invernal” e “consumo de vinho”, marcada pela linha sólida vermelha. O elemento “consumo de vinho” também está ligado a “exercícios físicos” e seus efeitos no “calor corporal”, por meio de ANALOGIA recrutada pela imagem dos três saca-rolhas (linha sólida vermelha).

O *frame* CONSUMO DE BEBIDA especifica o domínio-matriz mais esquemático, mais amplo, BEBIDA. Esse domínio estrutura nosso conhecimento sobre tipos de bebidas: fabricação (destiladas ou fermentadas), composição, formas de embalagem, (temperatura de) consumo, assim como a finalidade e as consequências desse consumo em termos físicos, pessoais e sociais entre outros aspectos.

Ligados ao *frame* EXERCÍCIOS FÍSICOS, os elementos do *input* 2 – “cabeça/tronco/braços” e “exercícios físicos aeróbicos repetidos” – foram ativados pela imagem dos três saca-rolhas com as alavancas, representando braços em posições diferentes, e a informação verbal do meme: “Exercícios para o frio” e “Quanto mais repetições, melhor”. Assim, a imagem dos três saca-rolhas relaciona-se conceptualmente, por meio de ANALOGIA e REPRESENTAÇÃO, às partes do CORPO HUMANO (linha sólida verde). No *input* 2, a seta vermelha entre as partes do corpo, representadas pela imagem dos saca-rolhas, simulando a realização de exercícios, relaciona-se a “calor corporal” como efeito da prática de exercícios; logo, uma compressão CAUSA-EFEITO.

A frase “Quanto mais repetições, melhor” remete à metáfora primária no nível do esquema imagético MAIS É PARA CIMA, na medida em que o conceito QUANTIDADE é metaforicamente interpretado por meio dos esquemas imagéticos VERTICALIDADE e, no caso do meme, REPETIÇÃO aliado a MOVIMENTO. A QUANTIDADE, conceptualmente ligada ao aumento da temperatura corporal (EFEITO) causado pelos exercícios físicos, em sua ANALOGIA com consumo de vinho, elabora a metáfora MAIS VINHO É MAIS CALOR, surgida pelas relações conceptuais entre os *inputs* projetadas na mescla. A relação entre VERTICALIDADE e aumento de temperatura pode estar baseada em nossas experiências com termômetros, objetos que representam a escala de calor verticalmente. O *frame* EXERCÍCIOS FÍSICOS relaciona-se ao domínio-matriz, mais esquemático, CORPO HUMANO, que estrutura conceptualmente vários conhecimentos sobre o corpo humano e experiências corpóreas: fisiologia, capacidades e habilidades diversas, bem como atividades individuais e/ou sociais praticadas.

No *input* 3, por meio do *frame* CLIMA, ativa-se o conceito de temperatura relacionado ao clima por meio de uma compressão de CAUSA-EFEITO, assinalada pela seta azul, já que o “frio ambiental” provoca “frio corporal”. O *frame* CLIMA especifica MEIO AMBIENTE, domínio-matriz abrangente, mais esquemático, porque organiza conceptualmente conhecimentos e experiências geográficas, físicas e sociais em toda sua variedade. Entre os aspectos desse domínio-matriz, encontram-se experiências ligadas ao CLIMA e seus efeitos na temperatura ambiental e corporal. TEMPERATURA é caracterizado, em estudos da Semântica Cognitiva, como um domínio básico da experiência humana, que reúne aspectos do conhecimento ligado a frio, quente, termômetro entre outros conceitos.

O espaço genérico reúne domínios mais esquemáticos a partir dos quais os *frames* são ativados por meio dos espaços mentais de *input*, onde ocorre a conceptualização *online* de enunciados reais. Logo, o espaço genérico reúne o que os *inputs* têm em comum, servindo de base para que a rede de integração se mantenha ativa ao longo da conceptualização. Nesse caso, os *inputs* partilham conhecimentos ligados a atividades que elevam a temperatura corporal (CONSUMO DE BEBIDA e EXERCÍCIOS FÍSICOS) e ao MEIO AMBIENTE-CLIMA e suas consequências para o corpo humano: calor, frio, conforto térmico.

Assim, posso considerar tais *frames* e domínios-matriz organizados conceptualmente como CAUSAÇÃO, um modelo cognitivo idealizado (MCI), que produz a metonímia CAUSA PELO EFEITO,

em que beber vinho e exercitar-se causam aumento de temperatura. Essa relação conceptual também é fundamentada pelo esquema imagético EQUILÍBRIO, devido à natureza humana de busca de equilíbrio físico e mental em suas ações e experiências pessoais e sociais.

Nessa concepção, a base metonímica das relações conceptuais ativadas pelos espaços mentais na construção de sentido do meme, via rede de integração, está representada pela linha dupla roxa ligada ao espaço genérico, sinalizando a subjacência esquemática do MCI CAUSAÇÃO a toda a rede. Isso se deve ao papel do espaço genérico, como o responsável por sustentar a rede em ativação, bem como a base de conhecimento comum aos espaços mentais.

Os conhecimentos e as experiências pessoais e culturais ativados pelos *frames* e domínios-matriz são elaborações do MCI CAUSAÇÃO, que organiza o conteúdo conceptual do meme, entre tantos outros conteúdos que integram esse MCI complexo e abrangente. Essa abrangência leva à conceptualização metafórica, na medida em que as reações corpóreas se tornam formas recorrentes de pensar em termos socioculturais, por isso VINHO É CALOR, com base no esquema imagético CALOR-FRIO, já documentado na literatura da Semântica Cognitiva para a conceptualização de emoções (KÖVECSES, 2020 e outros textos).

O espaço-mescla herda as relações entre os *inputs* para conceptualização metafórica, em nível de espaço-mental, de consumo de vinho como exercício físico e fonte de calor para o corpo: elaborações suscitadas por SACA-ROLHA É CORPO, uma metáfora pictórica do tipo OBJETO A É OBJETO B, nos termos de Forceville (2017), devido à conceptualização de SACA-ROLHA em termos de CORPO. Conceptual e esquematicamente ambos são interpretados como OBJETO composto de PARTES (PARTE-TODO) no nível dos esquemas imagéticos. Essa metáfora aliada à informação verbal do meme leva às metáforas CONSUMO DE VINHO É ATIVIDADE FÍSICA AERÓBICA e CONSUMO DE VINHO É CALOR (PARA O CORPO).

Tais metáforas específicas relacionam-se às metáforas no nível do *frame*, CONSUMO DE BEBIDA ALCOÓLICA É ATIVIDADE FÍSICA e CONSUMO DE BEBIDA ALCOÓLICA É CALOR (PARA O CORPO). O consumo de bebida alcoólica, devido às alterações corporais, é cultural e convencionalmente ligado a aumento de temperatura. Daí a relação entre exercícios físicos, aumento de temperatura corporal e consumo de bebidas no nível do *frame*, promovida pelas ligações entre os *inputs*, que preenchem as funções genéricas dos *frames* na rede com valores específicos, a partir das informações do meme no contexto específico em que os espaços mentais emergem. Embora esses dois *frames* evoquem atividades que aumentam a temperatura corporal em nível mais esquemático, trata-se de atividades que afetam de forma diferente o corpo humano, base experiencial das relações conceptuais e compressões ativadas na construção de sentido do meme.

Apesar de a configuração envolver mais de dois espaços de *inputs*, a rede pode ser considerada uma integração conceptual de escopo único, visto que é possível

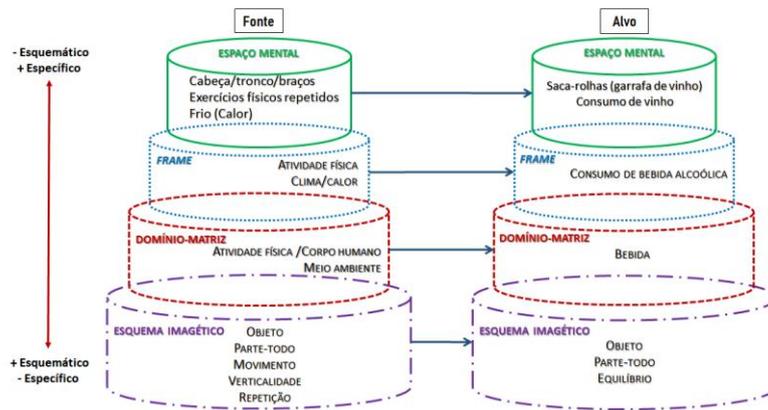
perceber a sensação de que “uma coisa” fornece uma visão, um *insight*, para “outra coisa”, com uma forte assimetria entre elas. Essa percepção decorre de [i] inferências produzidas na mescla a partir dos *frames* dos *inputs*; [ii] compressões úteis já existentes nos *frames* dos *inputs*; e [iii] emoções evocadas ancoradas por tais *frames*. Essas emoções emergentes na mescla podem levar à sensação de percepção global, porque a mescla altamente compactada permanece ativamente conectada a toda a rede (FAUCONNIER; TURNER, 2002, p. 129, tradução/adaptação minha²²).

²² No original: “Naturally, then, single-scope networks give us the feeling that ‘one thing’ is giving us insight into ‘another thing’, with a strong asymmetry between them. This feeling of insight has three causes: The blend brings to bear inferences that are available from the framing input; it brings to bear useful compressions that already exist in the framing input; and it evokes emotions, seemingly anchored in the trustworthy framing input, that feel to us as if they are all-clarifying. As we have seen for blends in general, strong emotions emergent in the blend can induce the feeling of global insight, because the highly compressed blend remains actively connected to the entire network”.

No meme, os *inputs* 2 e 3 fornecem o *frame* organizacional da mescla (*framing space*), funcionando como fontes, enquanto o *input* 1, como norteador do foco de entendimento (*input focus*) seria alvo (FAUCONNIER; TURNER, 2002, p. 127). As compressões e as projeções presentes nos *inputs* são reforçadas no espaço-mescla, onde formas de pensar metafóricas emergem por completamento a partir das projeções seletivas herdadas dos *inputs*: MAIS VINHO É MAIS CALOR.

Na figura (7), postulo uma representação cônica hierárquica das estruturas conceituais já apontadas, em termos de fonte e alvo, que configuram a rede proposta nesta análise. Essa representação consiste em uma alternativa à figura (2b), que também não é usada por Kövecses (2020²³), quando os conceitos fonte e alvo são ilustrados por meio de figuras em trechos de análise de seus escritos.

Figura 7 – Estruturas conceituais fontes e alvos em níveis



Fonte: Elaborado pela autora

Em (7), no nível dos espaços mentais são elaboradas as estruturas genéricas dos *frames*, juntamente com informação específica do contexto, por meio dos elementos dos espaços mentais, que preenchem com valores específicos os papéis e as relações entre os papéis desses *frames*. O nível dos domínios-matriz pressupõe uma variedade de conceitos que caracterizam diferentes aspectos de um domínio, especificados no nível dos *frames*. O nível dos esquemas imagéticos fundamenta as estruturas ativadas nos demais níveis conceituais, conferindo-lhes significado basilar por meio de *gestalts* analógicas.

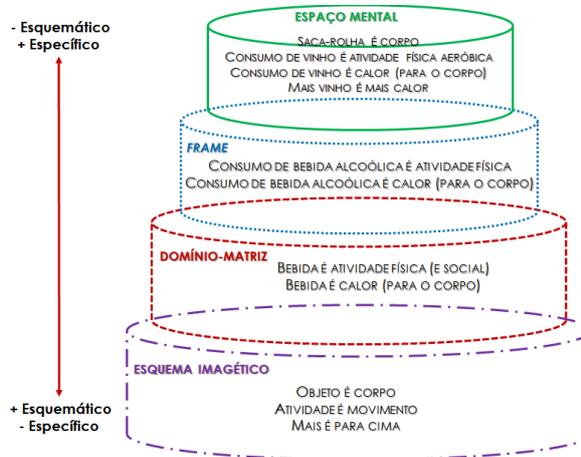
Ao postular representação cônica da figura (7), busco evidenciar as relações conceituais entre as estruturas recrutadas pela rede de integração, que abarcam não apenas projeções entre dois domínios, como preconiza a teoria da metáfora conceptual de Lakoff e Johnson (2002[1980]), porque a construção de sentido do meme requer inferências e conceitos interligados comprimidos ativados pela rede. Por se tratar de uma produção multimodal, em que fonte e alvo estão associados conceptualmente a OBJETOS (saca-rolha e corpo humano), devido às experiências humanas com o manuseio de objetos compostos de partes, há esquemas imagéticos comuns às duas hierarquias, fonte e alvo: OBJETO e PARTE-TODO. O esquema imagético EQUILÍBRIO foi postulado como fundamento apenas para o alvo, devido ao papel do consumo de vinho como uma atividade restauradora da temperatura corpórea durante o inverno.

Na figura (8), exponho as metáforas resultantes das projeções da integração conceptual em cada nível, de modo a explicitar o caminho da conceptualização da rede metafórica VINHO É CALOR. Em outros estudos cognitivistas, propuseram-se diferentes níveis de esquematicidade na explicação da linguagem metafórica, porém a teoria da metáfora estendida inclui, além de esquema imagético,

²³ Ver, por exemplo, ilustração de Kövecses (2020, p. 66) para a análise da metáfora SISTEMAS ABSTRATOS COMPLEXOS SÃO CONSTRUÇÕES.

domínio e *frame*, a noção de espaços mentais na hierarquia, bem como o papel essencial desempenhado pelo contexto no surgimento dessas hierarquias.

Figura 8 – Metáforas em níveis



Fonte: Elaborado pela autora

Na figura (8), as metáforas postuladas para o nível do espaço mental, que surgem das projeções dos *inputs* no espaço-mescla, são processados na memória de trabalho durante a conceptualização *online*: SACA-ROLHA É CORPO; CONSUMO DE VINHO É ATIVIDADE FÍSICA AERÓBICA; CONSUMO DE VINHO É CALOR (PARA O CORPO); MAIS VINHO É MAIS CALOR. Logo, trata-se de metáforas contextualizadas pelos elementos verbais e pictóricos que constituem o meme, bem como pelo suporte digital em que o mesmo foi postado, como um convite consciente ao CONSUMO DE VINHO como forma de obter CALOR num dia frio.

Esse tipo de metáfora alinha-se às metáforas deliberadas, devido à intencionalidade característica de memes. Todavia, como aponta Kövecses (2020), esse tipo de metáfora se baseia em metáforas não deliberadas, trabalhando em conjunto dentro da mesma hierarquia de esquematicidade dos conceitos metafóricos, de modo que as partes deliberadas e não deliberadas são inseparáveis. Assim, metáforas denominadas deliberadas são realmente deliberadas e não deliberadas ao mesmo tempo.

Subjacentes ao nível mais específico de conceptualização metafórica dos espaços mentais, foram postuladas as metáforas nos níveis do *frame* – CONSUMO DE BEBIDA ALCOÓLICA É ATIVIDADE FÍSICA; CONSUMO DE BEBIDA ALCOÓLICA É CALOR (PARA O CORPO) – e do domínio-matriz – BEBIDA É ATIVIDADE FÍSICA (E SOCIAL); BEBIDA É CALOR (PARA O CORPO) –, respectivamente, em uma escala de esquematicidade crescente, já que o domínio das bebidas em geral compreende não apenas as alcoólicas, mas café, chá, entre outras bebidas que aumentam a temperatura corporal, consumidas individual e socialmente.

Essas metáforas, que consistem em formas de pensar armazenadas na memória de longo prazo, são fundamentadas por metáforas mais esquemáticas, surgidas de *gestalts* experienciais, no nível dos esquemas imagéticos: (i) OBJETO É CORPO, já que o meme tem como gatilho pictórico a SIMILARIDADE entre SACA-ROLHAS e CORPO HUMANO; (ii) ATIVIDADE É MOVIMENTO, porque as ATIVIDADES, em geral, são metaforicamente conceituadas como entidades em MOVIMENTO; (iii) MAIS É PARA CIMA, visto que atividades prazerosas vivenciadas recorrentemente são aspectos valorizados da cultura humana, entre essas o consumo de vinho incentivado pelo meme.

Assim, o caminho conceptual para construção de sentido do meme começa com as metáforas contextualizadas do espaço-mescla, ativadas como produto da rede de integração, mas recruta conhecimentos prototipicamente armazenados sob a forma de metáforas descontextualizadas (*off-line*). Porém, ao serem recrutadas para conceptualização do meme, essas

metáforas mais esquemáticas fundamentam a história contada pela mescla, contextualizando-a: dias de inverno convidam ao consumo de vinho em substituição aos exercícios físicos, a fim de aquecer corpo, conseqüentemente a mente, durante um evento de lazer.

Nesse contexto, as estruturas e as metáforas conceptuais em níveis contribuem para descrição do caminho conceptual postulado na análise do meme, porque explicita as etapas inferenciais ativadas na rede de integração para sua conceptualização. A subjacência dessa hierarquia conceptual embasa as projeções seletivas recrutadas pela rede de integração, de modo a evidenciar o papel da mesclagem como um poderoso mecanismo conceptualizador de metáforas intencionais e não conscientes, na medida em que estas fundamentam aquelas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espero ter ilustrado, por meio da análise do meme VINHO É CALOR, a relação entre as teorias da metáfora conceptual estendida e da integração conceptual para análise deste tipo de produção multimodal, cuja construção de sentido é processada de forma aparentemente automática, em um voo, como apontam Fauconnier e Turner (2002), mas que pressupõe inferências complexas e ativação de conhecimentos armazenados em diferentes níveis de ligação, em termos conceptuais e socioculturais. As metáforas em níveis – dos espaços mentais aos esquemas imagéticos – fornecem um arcabouço teórico que ressalta a criatividade de metáforas intencionais, presentes nas produções multimodais em geral, memes, propagandas, charges entre outras, porque evidencia relações conceptuais subjacentes a tais formas de pensar cotidianas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERNARDO, Sandra; VELOZO, Naira de Almeida; ALMEIDA, Wellington. Testou positivo para COVID-19: construção, metáfora, metonímia. *Estudos linguísticos e literários*, v. 69 (Número Especial), p. 231-259, 2020.
- BERNARDO, Sandra Pereira; VELOZO, Naira de Almeida; MORAIS, Bruna de. “E daí?": produções multimodais sobre vidas perdidas. *Matraga*, v. 28, n. 53, p. 329-343, mai./ago. 2021.
- FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basis Books, 2002.
- FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. Mental Spaces. In: GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hubert. (eds.). *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2007, p. 351–76.
- FILLMORE, Charles J. Frame semantics. In: GEERAERTS, Dirk (ed.). *Cognitive linguistics: basic readings*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2006. p. 373-400.
- FORCEVILLE, Charles. Non-verbal and multimodal metaphor in a cognitivist framework: agendas for research. In: KRISTIANSEN, Gitte et al. (Eds.). *Cognitive Linguistics: current applications and future perspectives*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2006, p. 379-402.
- FORCEVILLE, Charles. Metaphor in pictures and multimodal representations. In: GIBBS Jr, Raymond W. (ed.). *The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 462-482.
- FORCEVILLE, Charles. Visual and multimodal metaphor in advertising: cultural perspectives. *Styles of Communication* 9(2), p. 26-41, 2017.
- GOOSSENS, Louis. Metaphonymy: the interaction of metaphor and metonymy in expressions of linguistic action. In: DIRVEN, Rene; PÖRINGS, Ralf (Eds.). *Metaphor and metonymy in comparison and contrast*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2003. p. 349-377.
- HAMPE, Beate. Image schemas in cognitive linguistics: Introduction. In: HAMPE Beate; GRADY, Joseph E. (Eds.). *From perception to meaning: image schemas in cognitive linguistics*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2005. p. 1-12 .

- HUTCHINS, Edwin. Material anchors for conceptual blends. *Journal of Pragmatics* 37, p.1555-1577, 2005.
- JOHNSON, Mark. *The body in the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.
- KÖVECSES, Zóltan. *Metaphor: a practical introduction*. 2. ed. New York: Oxford University Press, 2010.
- KÖVECSES, Zóltan. *Extended conceptual metaphor theory*. Cambridge; New York, NY: Cambridge University Press, 2020.
- LAKOFF, George. *Women, fire and dangerous things*. Chicago: Chicago University Press, 1987.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana* [coordenação de tradução Mara Sophia Zanotto]. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: EDUC, 2002[1980].
- LANGACKER, Ronald W. *Foundations of cognitive grammar*. Stanford: Stanford University Press, 1987.
- LANGACKER, Ronald W. *Cognitive grammar: a basic introduction*. New York: Oxford University Press, 2008.
- STEEN, Gerard. Deliberate metaphor theory: basic assumptions, main tenets, urgent issues, *Intercultural pragmatics*, 14(1), p. 1–24, 2017.
- TORRES, Ton. O fenômeno dos memes. *Ciência e cultura*, v. 68 n. 3, p. 60-61, 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.21800/2317-66602016000300018>>. Acesso em 26 dez. 2020.

Submetido em 07-08-2022

Aceito em 17-12-2022